

Estudos de Género Numa Perspetiva Interdisciplinar

Esta obra foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Processo 14/4/155 do FACC – Fundo de Apoio à Comunidade Científica

Anália Torres, Helena Sant'ana e Diana Maciel (organizadoras)

ESTUDOS DE GÉNERO NUMA PERSPETIVA INTERDISCIPLINAR



LISBOA, 2015

© Anália Torres, Helena Sant'ana e Diana Maciel (organizadoras), 2015

Anália Torres, Helena Sant'ana e Diana Maciel (organizadoras)
Estudos de Género Numa Perspetiva Interdisciplinar

Primeira edição: dezembro de 2015
Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-989-8536-46-4
Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Lina Cardoso

Revisão de texto: Manuel Coelho
Preparação dos originais: Isabel Sousa
Impressão e acabamentos: Europress, Lda.

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 238
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt
Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadro	vii
Siglas.....	ix
Sobre as autoras e os autores	xi
Introdução.....	1
<i>Anália Torres, Diana Maciel e Helena Sant'Ana</i>	
Parte I Género, Feminismos e Estudos sobre as Mulheres	
1 Reflections on gender and class	9
<i>Janet Holland</i>	
2 Para não dizerem que não falei dos Estudos sobre as Mulheres.....	17
<i>Teresa Joaquim</i>	
3 A visibilidade dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas (EMGF)	23
<i>Manuela Tavares</i>	
4 A APEM e os Estudos sobre as Mulheres e de Género em Portugal. Contextos e percursos	27
<i>Teresa Pinto</i>	
5 Pode o género não ser feminista?	37
<i>Sofia Neves</i>	
Parte II Políticas, instituições e cidadania	
6 Nos caminhos da violência de género e doméstica	49
<i>Maria José Magalhães, Yolanda Rodríguez Castro, Angélica Lima Cruz e Ana Isabel Castro Forte</i>	

7	Gender issues, equality and human rights. Some thoughts and cautionary notes	63
	<i>Teresa Pizarro Beleza</i>	
8	Possíveis contributos do direito para a igualdade de mulheres e homens	71
	<i>Maria do Céu da Cunha Rêgo</i>	
Parte III Género e construção das sociedades contemporâneas		
9	Violência contra mulheres idosas em relações de intimidade	79
	<i>Heloísa Perista</i>	
10	Desigualdades de género no campo laboral. Entre uma síntese pró-teórica e uma pesquisa empírica em Portugal continental	85
	<i>Manuel Carlos Silva</i>	
11	A formação em Igualdade de Género numa escola de Economia e Gestão. Contributos para uma reflexão sobre a interdisciplinaridade	107
	<i>Sara Falcão Casaca</i>	
Parte IV Posfácio		
	Breve apresentação do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género	125
	Conferência Internacional Interdisciplinar de Estudos de Género	127
	<i>Anália Torres, Manuel Meirinho, Sandra Ribeiro, Fátima Duarte e Maria Regina Tavares da Silva</i>	

Índice de figuras e quadro

Figuras

6.1 Femicídios em Portugal e Espanha, por milhão de habitantes, 2004-2014.....	51
10.1 Condição face ao trabalho, por sexo (%)	93
10.2 Horas diárias de atividade profissional por sexo	93
10.3 Situação na profissão, por sexo (%).....	94
10.4 Tipo de organização em que trabalha, por sexo (%)	94
10.5 Obtenção do emprego atual, por sexo (%).....	96
10.6 Vínculo laboral, por sexo (%)	96
10.7 Regime de horário e trabalho, por sexo (%).....	97
10.8 Tipo de atividade complementar remunerada, por sexo (%)	97
10.9 Função de supervisão, por sexo (%).....	99
10.10 Número médio de pessoas supervisionadas, por sexo dos supervisores	99
10.11 Salário líquido do próprio, por sexo (%)	101

Quadro

10.1 Motivos das faltas ao trabalho, por sexo (%)	100
---	-----

Introdução

Anália Torres

Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), ISCSP-ULisboa

Diana Maciel

Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), ISCSP-ULisboa

Helena Sant'Ana

Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), ISCSP-ULisboa

Os Estudos de Género em Portugal têm sido desenvolvidos por várias investigadoras e investigadores, que nos seus diversos centros de pesquisa se empenharam em promover esta área científica, muitas vezes contra ventos e marés.

Com efeito, ao contrário de outros países que conheceram uma grande explosão dos Estudos de Género e a criação de inúmeros centros de investigação no contexto universitário a partir dos anos 70 do século passado, Portugal tem um expressivo atraso nesta matéria. Ele contribui para explicar por que só em 2012 se tenha criado o Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), o primeiro centro de investigação científica inteiramente dedicado a este domínio, e hoje reconhecido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Este livro reúne textos apresentados na Conferência Internacional Interdisciplinar de Estudos de Género, que marcou a inauguração oficial do CIEG. Inevitavelmente, os temas abordados por vários autores e autoras relacionam-se exatamente com a busca das causas e consequências destas convergências e inícios tardios; mas também se pronunciam sobre questões centrais à volta do género, dos feminismos e dos Estudos sobre as Mulheres, numa pluralidade de vozes que constituiu, de resto, um dos objetivos da criação do centro.

Os temas dos capítulos do livro são diversos não só pela sua natureza interdisciplinar, como é muito frequente acontecer neste campo de estudos que, como Maria do Mar Pereira (2011), consideramos enquanto “Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas (EMGF)”, mas também pela experiência diversificada e enfoques analíticos específicos das suas autoras e autores.

Com efeito, o surgimento e a utilização do conceito de género no campo académico estão intimamente ligados ao papel do feminismo e das lutas das mulheres pela igualdade e respetivos efeitos nos campos disciplinares, na universidade e na investigação científica. Em muitas áreas, e em especial nas ciências sociais e humanas — História, Direito, Filosofia, Sociologia, Psicologia, Antropologia, Geografia, Economia, entre outras —, o feminismo de segunda vaga deixou marcas profundas e obrigou a repensar teorias e paradigmas. Mas em Portugal, para além do mérito inquestionável de investigadoras e investigadores que foram teimando em dar visibilidade às questões da igualdade de género como tema transversal às relações

sociais e como domínio científico, introduzindo novas formas de pensar e de questionar, foram, e são ainda, muitas as resistências encontradas, e tem sido difícil e lenta a institucionalização desta área científica (Almeida, 1986; Amâncio e Ávila, 1995; Ferreira, 2001; Amâncio, 2003; Pinto, 2007; Joaquim, 2007; Maciel, 2010; Tavares, 2011; Pereira, 2011 e 2012).

Lentidão que contrasta, claramente, com a profusão de livros, artigos, resultados de pesquisas que, em particular, a partir da primeira década do século XXI, são publicados no âmbito destas temáticas, envolvendo tanto autoras e autores consagrados como um expressivo número de jovens (Amâncio *et al.*, 2007; Rodrigues, 2009; Barroso, Nico e Rodrigues, 2011).

Interpretar de vários pontos de vista esta evolução e transformação, dar conta de temas centrais no âmbito das questões de género, testemunhando avanços mas também o muito que falta ainda fazer neste campo é o elo de ligação entre os textos que vos convidamos a ler.

O livro encontra-se estruturado em quatro partes. Na primeira parte, “Género, feminismos e estudos sobre as Mulheres”, reúne-se um conjunto de cinco textos, que desenvolvem abordagens no âmbito da Sociologia, da Filosofia, da História, da Psicologia e dos feminismos sobre a conceptualização e evolução epistemológica deste vasto campo científico.

Partindo do seu percurso biográfico, Janet Holland procura explicar os motivos e os momentos que originaram o despertar da curiosidade e interesse científico pelos conceitos de género e classes sociais, bem como as respetivas inter-relações. Segundo a autora, quer as teorias sociológicas, quer as teorias feministas permeiam a sua interpretação, compreensão, memória e visão do mundo e da realidade. Aproveitando para alertar que andamos aos ombros das feministas que nos precederam,¹ a autora expõe a evolução e transformação das perspetivas feministas nos últimos anos. Por fim, dá a conhecer a pesquisa que tem vindo a desenvolver, centrada na sexualidade dos jovens britânicos, e explana um pouco da história, das potencialidades e mudanças ocorridas nos estudos sobre sexualidade.

Propondo uma reflexão sobre as dificuldades de ordem institucional e epistemológica que têm colocado entraves à consolidação e internacionalização dos Estudos de Género em Portugal, Teresa Joaquim defende a necessidade de manter e justificar a atualidade da designação “Estudos sobre as Mulheres”, “face ao desejo de a ocultar somente por ‘género’”. Fundamenta esta posição a partir da perspetiva epistemológica que consiste em dar voz e visibilidade a sujeitos e objetos que estão ou foram postos de lado, à margem, procurando dessa forma “a aprendizagem dessa rebelião das palavras e dos conceitos, da indignação para conquistar a dignidade”.

Manuela Tavares, caracterizando a inauguração do CIEG como “um marco histórico na evolução dos Estudos de Género e Feministas”, estabelece uma comparação entre Portugal e Espanha para demonstrar como a insuficiência teórica dos feminismos em Portugal impediu a relação primordial entre o movimento feminista e

1 “...we do stand on the shoulders of the feminists who came before us.”

a academia presente no país vizinho. O reconhecimento dos estudos nesta área, dentro e fora da academia, depende, em Portugal, considera a autora, da sua própria visibilidade, internacionalização, institucionalização e do maior aprofundamento e alargamento do debate.

Mostrando a relação estreita entre o desenvolvimento dos Estudos sobre as Mulheres, de Género e Feministas em Portugal e a criação e expansão da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM), Teresa Pinto realça que a democracia e os valores democráticos alcançados com o 25 de Abril de 1974 deram origem ao contexto histórico, social e cultural que permitiu “estimulantes caminhos de abertura e de mudança de paradigmas epistemológicos, teóricos e metodológicos nas Ciências Sociais e Humanas”. Estes caminhos possibilitaram, por sua vez, o desenvolvimento dos Estudos sobre as Mulheres. Segundo a autora, inicialmente esse desenvolvimento deu-se fora da academia onde se registavam iniciativas “pontuais e descontínuas”. No entanto, foram algumas dessas iniciativas que se constituíram como marcos essenciais, ao dar a conhecer nomes fundamentais que, mais tarde, ajudaram a desenvolver a área científica.

Sofia Neves, refletindo sobre a história e o percurso epistemológico do conceito de género, considera que este surgiu na década de 60 do século XX, no contexto da reflexão feminista, e com o objetivo político de problematizar as diferenças entre homens e mulheres fora da esfera da biologia. Para a autora, a utilização cada vez mais generalizada do conceito de género nos discursos científicos tem sido muitas vezes “desvinculada do pensamento feminista”, o que o empobrece e transforma num critério meramente classificatório e descritivo. Sofia Neves defende pois que é “essencial não perder de vista o porquê de o género ter sido a pedra de toque dos feminismos académicos”. Apesar da diversidade das correntes existentes nos Estudos de Género, o conceito continua a ser “uma interpelação, uma tomada de posição, uma afirmação, uma escolha política que, por ser política, não pode escurar-se no argumento da neutralidade ideológica”.

Na segunda parte deste livro, reúnem-se três textos sobre “Políticas, instituições e cidadania”, de investigadoras na área científica do género, em particular, nas perspetivas da Sociologia, da Antropologia e do Direito.

Analisando a temática da violência de género, doméstica e nas relações de intimidade, Maria José Magalhães, Yolanda Rodriguez Castro, Angélica Cruz e Ana Forte consideram que aquelas constituem um problema “impermeável às barreiras de classe, etnia/‘raça’, cultura, idade e orientação sexual”, afetando mulheres em diversos lugares do mundo. A partir da análise de entrevistas a diferentes tipos de profissionais que lidam com vítimas/sobreviventes da violência de género a viver em casa de abrigo, questionam a tendência que têm muitas e muitos dos profissionais, em especial os não especialistas, para centrar a atenção no comportamento da vítima e menos na condenação do agressor. É o que se passa com frequência em contexto de tribunal e com a área da saúde. O reflexo desta atitude é sentido pelas próprias vítimas, a que as investigadoras também dão voz, e que sentem a sua vida e a dos seus filhos radicalmente alterada, em permanente fuga relativamente ao agressor, ficando este muitas vezes sem punição. Este é um problema discutido em diversas disciplinas científicas, sem contudo ser alvo de grande produção de conhecimento na área

das ciências da educação. No entanto, para as autoras, e dado o seu enraizamento cultural numa sociedade patriarcal, como a portuguesa, o olhar desta ciência social é fundamental para a compreensão do fenómeno, mas também para a elaboração de recomendações e planos de ação.

Teresa Pizarro Beleza considera que o conceito de género não diz respeito apenas a questões identitárias, nem se refere só ao que a sociedade nos ensina sobre o que é ser rapariga ou rapaz, mulher ou homem. Na perspetiva da autora, as relações de género constituem também formas de estruturação de relações de poder, marcadas pela hierarquização, dominação e discriminação em que, na maioria dos domínios, os homens são favorecidos em relação às mulheres. O sistema de relações de género associa desequilíbrios de poder a diferenças “naturais” de sexo. Sistema que não é isolado de outras influências e relações de interdependência, como classes sociais e etnias, e que é reproduzido e mantido pelas religiões, pelos costumes, pelas ciências e pelo direito.

Referindo-se à questão da “concretização da igualdade de homens e mulheres”, Maria do Céu da Cunha Rêgo interroga: “Será de insistir neste tema em plena ‘crise’?” e “Não será esta [a igualdade], hoje, um ‘luxo’ incompatível com a ‘austeridade’?” A autora considera que as respostas dependem da relevância conferida à igualdade de género na coesão social. O contexto de crise pode inclusive originar questionamentos sobre olhares e estilos de vida que continuam a associar o ser humano universal ao masculino e o feminino ao que é específico e particular. Este olhar dá origem a uma conceção por parte de homens e de mulheres que os “condena” a um destino social que é o de género, como se “aqui não houvesse lugar à liberdade. Ou ela não fosse sequer desejável.” Deste modo, a autora sublinha a necessidade de homens e mulheres, individualmente e em sociedade, interiorizarem e aceitarem que não têm de se subjugar a papéis sociais de género deterministas.

Na terceira parte deste livro congregam-se textos sobre “Género e construção das sociedades contemporâneas”, de investigadoras e investigadores segundo perspetivas da Psicologia e da Sociologia.

Heloísa Perista, centrando-se na violência contra mulheres idosas em relações de intimidade, um fenómeno ainda relativamente desconhecido, apesar da sua prevalência e gravidade, elabora uma leitura de algumas das principais características deste tipo de violência, “dando visibilidade às suas experiências de vidas com violência [das mulheres idosas] e tentando tornar audíveis as suas vozes de sobreviventes”. Analisando estes percursos de vida, destaca que eles revelam um peso considerável do efeito geracional e de contextos de socialização muito tradicionalistas. Considera a autora que a religião e o Estado desempenharam papel importante ao gerar expectativas sociais de dependência e subordinação feminina à função fundamental de garante e de manutenção da família, mesmo que para isso tivessem de suportar vivências humilhantes. Nestes contextos, estas mulheres rompem com dificuldade situações de enorme sofrimento físico e psicológico.

Analisando os processos de trabalho e as assimetrias daí resultantes, Manuel Carlos Silva conclui que, apesar de as desigualdades de classe poderem, em determinadas situações, atenuar as desigualdades de género, as mulheres encontram-se “em relativa desvantagem em termos societais, organizacionais e interativos”.

O que é notório nas condições de trabalho, na situação face à profissão, nos tipos de organização de trabalho, nos mecanismos de obtenção de emprego, nos tipos de contrato, nos horários e regimes laborais, nas dificuldades de conciliação entre trabalho e vida familiar, e na discriminação salarial. Afirmações que fundamenta a partir dos resultados da sua pesquisa.

Refletindo sobre o seu percurso enquanto docente e investigadora, Sara Falcão Casaca mostra a importância da integração de uma perspetiva de género na formação dos cursos de Economia e Gestão. A partir da experiência da criação de uma unidade curricular em “Género, Trabalho e Organizações”, evidencia como esta perspetiva pode ser relevante na promoção de práticas laborais igualitárias, transparentes e assentes no mérito. A autora sublinha que várias investigações científicas têm mostrado como a promoção da igualdade de género em contexto organizacional traz benefícios económicos e financeiros, nomeadamente na fidelização da força de trabalho mais qualificada, na sua diversificação, motivação e empenho, bem como na redução do absentismo e dos seus custos. Mas, considera Sara Falcão Casaca, é fundamentalmente no plano dos direitos humanos, como pré-condição da justiça social, da coesão e de um desenvolvimento sustentado, que se deve avaliar a importância da igualdade de género nas organizações.

Por fim, na quarta e última parte do livro, o “Posfácio”, faz-se uma breve apresentação do CIEG, e transcrevem-se os textos de todas e todos as/os que honraram o Centro com a sua presença na conferência inaugural, nomeadamente Anália Torres, coordenadora do mesmo, Manuel Meirinho, presidente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP-ULisboa), Sandra Ribeiro, presidente da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), Fátima Duarte, presidente da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), Maria Regina Tavares da Silva, representante do Instituto Europeu para a Igualdade de Género (IEIG).

Referências bibliográficas

- Almeida, Ana Nunes de (1986), “As mulheres e as ciências sociais: os sujeitos e os objectos de investigação”, *Análise Social*, XXII (94), pp. 979-985.
- Amâncio, Lígia (2003), “O género no discurso das ciências sociais”, *Análise Social*, XXXVIII (168), pp. 687-714.
- Amâncio, Lígia, e Patrícia Ávila (1995), “O género na ciência”, em Jorge Correia Jesuino (coord.), *A Comunidade Científica Portuguesa nos Finais do Século XX: Comportamentos, Atitudes e Expectativas*, Oeiras, Celta Editora, pp. 135-162.
- Amâncio, Lígia, Manuela Tavares, Teresa Almeida, e Teresa Joaquim (orgs.) (2007), *O Longo Caminho das Mulheres: Feminismos 80 anos Depois*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Barroso, Margarida, Magda Nico, e Elisabete Rodrigues (2011), “Género e sociologia: uma análise das desigualdades e dos estudos de género em Portugal”, *Sociologia Online (APS)*, 4, pp. 73-102.
- Ferreira, Virgínia C. (2001), “Estudos sobre as Mulheres: A construção de um novo campo científico”, *ex æquo*, 5, pp. 9-25.

- Joaquim, Teresa (2007), "Feminismos, estudos sobre as mulheres ou 'para onde vai este barco'", em Lígia Amâncio, Manuela Tavares, Teresa Almeida e Teresa Joaquim (orgs.), *O Longo Caminho das Mulheres: Feminismos 80 Anos Depois*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Maciel, Diana (2010), "Género na sociologia portuguesa", CIES e-Working-Paper, 92.
- Pereira, Maria do Mar (2011), *Pushing the Boundaries of Knowledge: An Ethnography of Negotiations of the Epistemic Status of Women's, Gender, Feminist Studies in Portugal*, Londres, Gender Institute at London School of Economics, tese de doutoramento.
- Pereira, Maria do Mar (2012), *Fazendo Género no Recreio: A Negociação do Género em Espaço Escolar*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Pinto, Teresa (2007), "História das mulheres e do género: uma progressiva presença institucional de dúbia legitimação académica", *ex æquo*, 16, pp. 141-266.
- Rodrigues, Elisabete (2009), "O lugar do género, dos homens e das mulheres na sociologia portuguesa: uma análise a partir da Associação Portuguesa de Sociologia e seus congressos", CIES e-Working-Paper, 64.
- Tavares, Manuela (2011), *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*, Lisboa, Texto Editora.